**Posfácio**

Desde bem jovem fui ouvindo que os Açores eram um caso especial de produção literária, no sentido amplo, mais acertadamente referida como escrita publicada. Afirmações destas necessitam de termos de comparação para serem legítimas - e eles pura e simplesmente não existem. Tenho, todavia, ao longo das décadas coligido sinais que apontam claramente para uma eventual confirmação dessa antiga crença açoriana - repetida muitas vezes dentro do arquipélago, mas também fora dele, por alguns não-açorianos mais familiarizados com as nossas ilhas.

Recordo-me perfeitamente de, nos anos 60, o jornalista e bibliófilo João Afonso ter conseguido um levantamento de mais de 600 títulos de periódicos editados ao longo da história dos Açores, se bem que muitos desses jornais e revistas por vezes não tenham passado do primeiro, segundo ou terceiro números. Todavia, alguns duraram e ainda duram, como o jornal *Açoriano Oriental*, o *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira,* ou a revista *Insulana*. Durante décadas publicaram-se nos Açores sete jornais diários – três em Ponta Delgada, dois em Angra e dois na Horta. E o número de semanários nessa altura era pelo menos idêntico. Acrescia ainda a publicação de cinco revistas eruditas, isso em tempos anteriores à fundação da Universidade dos Açores. Obviamente que estamos a falar em termos proporcionais. Para uma região que só por um curto período atingiu os 300 mil habitantes, esses números não deixam de ser significativos.

Se passarmos ao domínio dos livros, deparar-nos-emos com uma situação análoga. Os sinais são igualmente fluidos, mas não menos abundantes. O número de livros publicados por editoras açorianas, ou surgidos como edição de autor, não vejo que tenha paralelo com nenhum outro território do antigo império português (falando sempre em termos populacionais relativos) e, após a independência das colónias, com nenhuma outra região do país. Alguns índices podem ajudar a legitimar tão intemerata generalização: 1) o número de lançamentos de livros anunciados nos jornais açorianos (esse dado é mais seguro do que os números de obras publicadas por editoras açorianas já que existem muitas edições de autor); o número de livros açorianos editados no Continente (só a extinta editora Salamandra, sediada em Lisboa, à sua conta publicou mais de cem livros em cerca de uma dúzia de anos[[1]](#footnote-1)). Como a imprensa continental apenas ocasionalmente regista esses eventos[[2]](#footnote-2), um bom indicativo será a lista de lançamentos de livros realizados na Casa dos Açores de Lisboa, que por sua vez é a instituição regional que mais eventos culturais promove na capital do país: pelo menos um todas as semanas, exceto durante o pino do verão[[3]](#footnote-3). Aliás, essa marca distintiva prolonga-se na diáspora. Basta ver o número de livros açorianos publicados nos EUA, tanto na Costa Leste como na Califórnia. Aqui os termos de comparação não podem ser os de outros grupos luso-americanos, que são diminutos (com a exceção dos continentais de Nova Jérsia e Connecticut); sê-lo-ão antes os números relativos às outras comunidades da diáspora portuguesa: França, Alemanha, Reino Unido, Suíça, Venezuela, África do Sul, por exemplo.

Poderia ainda facilmente aduzir vários outros índices, mas não tenho qualquer pretensão de ser exaustivo. A intenção aqui é apenas a de contextualizar historicamente, em traços largos e quase impressionistas, o aparecimento da presente bibliografia organizada por Chrys Chrystello, que acaba sendo mais um sinal comprovativo do atrás afirmado. Aliás, se quisermos buscar um paralelo a este projeto no espaço cultural português, vamos encontrá-lo precisamente nos Açores, já que foi igualmente nesse arquipélago que surgiu uma iniciativa semelhante. João Afonso publicou há mais de trinta anos o primeiro volume da sua *Bibliografia Geral dos Açores*, significativamente em edição conjunta da Secretaria Regional da Educação e Cultura de então e da Imprensa-Nacional – Casa da Moeda[[4]](#footnote-4). Acompanhei de perto esse notável empreendimento levado a cabo em tempos pré-informáticos, quando era preciso passar infinitas horas em bibliotecas e arquivos a elaborar fichas, única maneira de se conseguir catalogar fosse o que fosse. A Bibliografia de João Afonso pretendia incluir todas as publicações (incluindo artigos) de autores açorianos e de não-açorianos sobre os Açores. Daí a sua extensão em 14 volumes[[5]](#footnote-5). O autor exultou, efusivo, com a notícia da aceitação por parte da Imprensa-Nacional – Casa da Moeda de participar na coedição da obra. Infelizmente, por razões orçamentais, apenas o primeiro volume acabou vindo a público, para grande desgosto do bibliófilo[[6]](#footnote-6).

Há que referir ainda uma outra bibliografia, neste caso destinada a outro público, o anglófono, e organizada por Miguel Moniz: *Azores. Bibliography*. Contém cerca de 800 entradas bibliográficas comentadas, privilegiando textos originalmente surgidos em inglês, mas incluindo também uma seleção básica de peças bibliográficas fundamentais da história e cultura açorianas[[7]](#footnote-7).

Chrys Chrystello lançou-se agora a esta nova iniciativa que, conforme explica na sua nota introdutória, pretende circunscrever-se a temas açorianos, não pretendendo, portanto, incluir todas as obras de autores açorianos que não digam respeito ao arquipélago: “Incluímos nela todos os autores (açorianos residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais, ilhanizados, açorianizados (ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas, incluindo (por exemplo) autores de Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havai, etc.).” Claro que se trata de critérios que não podem ser rígidos, pois são inúmeros os casos pouco nítidos que requerem decisões *ad hoc* da parte do bibliófilo. O organizador da presente bibliografia abre mesmo uma importante exceção explicitada nos seguintes termos: “Adicionaram-se, em muitos casos, outros trabalhos d[os] autores bibliografados que podem nada ter a ver diretamente com os Açores, mas que dão a sua dimensão como autores.”

Um trabalho notável desta natureza, exigindo a mais beneditina paciência e uma não menos persistente teimosia, não pode deixar de ser aplaudido. Tanto mais que é levado a cabo por um autor não açoriano que adotou os Açores e seu espaço cultural, transformando-os numa verdadeira paixão a ponto de deixá-la preencher praticamente a sua agenda diária e o seu calendário anual. Tenha-se, de resto, em conta que esta sua iniciativa é apenas uma de múltiplas outras dedicadas à mesma causa. São disso prova colóquios, as edições e as traduções que, ao longo da última década, vem realizando a um ritmo digno de registo. Importa, porém, que esta obra impressa agora em volume, possa também estar disponível *on line* para assim multiplicar indefinidamente a sua utilidade. Todavia, se porventura ficar apenas por aqui, já será sem dúvida uma grande razão para estarmos gratos a quem a tornou realidade.

*Providence, Rhode Island, 15 de maio de 2017*

*Onésimo Teotónio Almeida*

.

1. Entre os finais de 1980 e inícios de 2000. [↑](#footnote-ref-1)
2. Já em 1982 chamei a atenção para esse fenómeno bibliográfico açoriano em artigo no suplemento “Cultura”, do *Diário de Notícias*, de Lisboa, onde colaborava regularmente: "O ritmo nada mornaça da Bibliografia Açoriana", *Diário de Notícias / Cultura,* 30 de dezembro de 1982. Neste artigo dava conta de cerca de cinquenta livros açorianos publicados nos anos anteriores. [↑](#footnote-ref-2)
3. Já depois de escrito este posfácio assisti na Casa dos Açores de Lisboa a mais um lançamento, desta vez de um livro sobre o Corvo. A sessão teve de se realizar numa terça-feira porque o calendário não tinha mais sextas-feiras disponíveis. Quarenta pessoas presentes ao fim da tarde. O Presidente da Câmara do Corvo, que participou no evento, revelou que a sua Câmara tinha apoiado quatro edições de livros em 2015, quatro em 2016 e já duas em 2017 (até Abril). Vários desses livros são da autoria de corvinos e um deles é mesmo um romance. [↑](#footnote-ref-3)
4. Afonso. João Dias. (1985). *Bibliografia Geral dos Açores.* vol. I. Letras A-Br,Angra do Heroísmo / Lisboa. Secretaria Regional da Educação e Cultura / Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [↑](#footnote-ref-4)
5. Tenho esse número na memória, mas não fui confirmar. Várias vezes desse projeto me falou João Afonso, muitas vezes nas cartas que frequentemente me escrevia e tenho arquivadas, se bem que não devidamente organizadas. [↑](#footnote-ref-5)
6. Nunca consegui apurar onde se encontra hoje o valiosíssimo espólio de João Afonso, que certamente conterá os volumes inéditos dessa sua vastíssima recolha bibliográfica. [↑](#footnote-ref-6)
7. *Azores. Bibliography.* World Bibliographical Series. vol. 221. Oxford: ABC-Clio, 1999. [↑](#footnote-ref-7)